

É assim

Paloma Valdivia

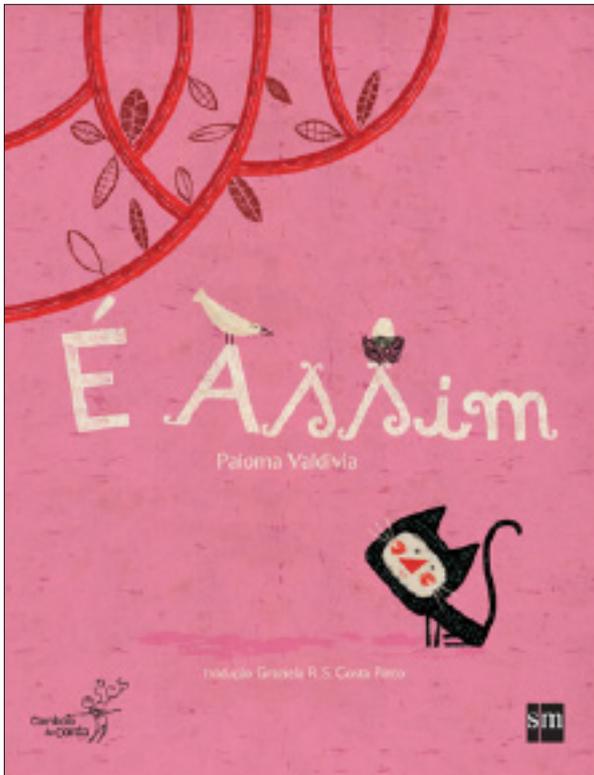
Ilustrações Paloma Valdivia

Tradução Graziela R. S. Costa Pinto

Temas abordados Vida e morte • Amadurecimento • Autoconhecimento



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



32 páginas



A AUTORA E ILUSTRADORA **Paloma Valdivia** é, segundo a definição que faz de si mesma, movida pelas perguntas difíceis. Para ela, nem tudo é somente bom ou mau; todas as coisas têm diversos ângulos de entendimento. “Aqueles que têm a capacidade de compreender as duas versões das coisas, de sentir que nada é totalmente preto ou branco podem ser mais felizes”, afirma. Desse modo de encarar a vida nascem histórias como esta: sensíveis, verdadeiras e capazes de tocar profundamente os leitores pelas questões complexas que suscitam.

UM LIVRO SOBRE MORTE E VIDA

Ainda que trate de um assunto denso, como o fim da vida e a saudade que deixam os que partem, *É assim* é um livro leve e cativante. Como o título indica, o tema é abordado com naturalidade e transparência. Se Valdivia não esconde a tristeza que a perda traz, também não deixa de sublinhar como é importante a valorização da vida e dos instantes mais fugazes em companhia daqueles que amamos – uma verdade tão banal quanto difícil de incorporar no cotidiano.

Desse modo, nessa história não há respostas, nem mesmo perguntas. Não há um único porquê formulado. O desenrolar dos acontecimentos simplesmente acontece: em determinado momento, os que partem e os que chegam se cruzam no ar, cumprimentam-se uns aos outros (pp. 14-15). Quem vai não sabe o que encontrará; quem chega também não: “de onde se vem e para onde se vai é um mistério” (p. 23). E o que fazer no meio de tudo isso? Viver, amar, alegrar-se, aproveitar.

Não à toa, a narração de *É assim* é focada quase exclusivamente no presente, e as frases curtas que emolduram as ilustrações insistem em mostrar a vida como a correnteza das águas de um rio, renovadas em cada instante. É assim. Por mais que tentemos elaborar, construir teorias, não temos respostas conclusivas sobre a origem da vida e o porquê da morte.

DE OLHO NAS ILUSTRAÇÕES

Bem coloridas, as páginas de *É assim* cativam leitores iniciantes e adultos. São poéticas no modo como enlaçam texto e imagens, reforçando o mote da autora: tristeza e felicidade convivem o tempo todo. Se, de uma hora para outra, deixam de existir o gato do vizinho, a tia Margarida e mesmo o peixe da sopa do dia anterior (p. 7), logo em seguida chegam pessoas novas: são os “desejados”, “os que vieram sem perguntar” (p. 8). Pouco a pouco, ao longo da leitura, as dualidades vão sendo pontuadas (ausência e presença, saudade e alegria, o eterno e o momentâneo), e percebe-se, na verdade, que são faces da mesma moeda: o ciclo da vida.

As ilustrações, que se mostram divertidas em seu estilo geométrico, têm detalhes bastante significativos, a começar pela capa. O gato espreita o passarinho, que acabou de botar um ovo no ninho. Depois, na quarta capa, ele aparece dormindo coberto de penas, satisfeito, dando a entender que abocanhou a ave. Mas



que os leitores não fiquem tão tristes com essa morte: na página de rosto (p. 1) um novo passarinho sai do mesmo ovo visto na capa, embora, na última página (p. 32), o bichano esteja novamente perseguindo o incauto filhote. E assim tudo recomeça. O gato e os passarinhos aparecerão em boa parte das páginas de *É assim*, em cenas diversas, marcando a passagem do tempo e sublinhando a naturalidade do ciclo da vida.

O que também chama a atenção e pode ser bem trabalhado com as crianças, incentivando-as a soltar a imaginação e a ultrapassar preconceitos, é o fato de os personagens humanos conviverem de igual para igual com porcos, vacas, tigres, cachorros e pássaros. A ilustração em que animais e um homem montam em um cavalo gigante (pp. 20-21), por exemplo, é um bom gancho para um trabalho de artes, pois remete à estética de Pablo Picasso (1881-1973) e Juan Miró (1893-1983).

A escolha da autora em colocar no mesmo plano figuras humanas e animais, de forma não estereotipada, reforça a mensagem da narrativa: o ciclo é o mesmo para todos os seres vivos, independentemente de sua forma, espécie, origem ou cor. O que os une é a alegria de aproveitar o presente. Mesmo nessa alegria, como mostram as asas discretamente desenhadas nas costas de alguns personagens, não é possível esquecer que todos, um dia, irão embora. Ainda que possam parecer símbolos estereotipados da morte, ligados à espiritualidade (“virou anjo e foi para o céu”), no livro as asas parecem ter mais a função de assinalar a liberdade, o fluxo natural do ir e vir, do nascer e morrer.

COMO ENCARAR A MORTE

No ensaio “O narrador” (em *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2008), escrito em 1936, o ensaísta e filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) discute a maneira como, a partir da Primeira Guerra Mundial, houve um empobrecimento da capacidade de narrar e de trocar experiências profundas e verdadeiras. A certa altura do texto, ele mostra como a própria ideia da morte veio perdendo, na consciência coletiva, “sua onipresença e sua força de evocação”. A morte deixou de ser um evento público para se tornar cada vez mais “expulsa do universo dos vivos”. De acordo com o autor, “antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto onde não tivesse morrido alguém [...]. Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais”.



MORTOS E ENCANTADOS

É mais que sabido que cada cultura e religião têm seu modo de lidar com a morte. Os mexicanos celebram o Dia dos Mortos (*Día de los Muertos*) com festa e alegria, ao contrário dos católicos brasileiros, que passam o Dia de Finados em silêncio e sem festejos. Nessa data, os mortos do México têm permissão para visitar os vivos, que os recebem com incensos, pratos de comida e a casa cheia e arrumada. Algo parecido se passa em Benin, na África, e em São Luís do Maranhão, no norte do Brasil, entre os que seguem a cultura jeje e cultuam os voduns (entidades equivalentes aos orixás iorubanos).

No Maranhão, uma cerimônia chamada Baião de Princesas traz de volta não apenas os mortos, mas também os encantados. Essas divindades – mistos de deuses africanos com personagens históricos, como Dom Sebastião, que moram na praia dos Lençóis e na pedra de Itacolomi, em São Luís – surgem a bordo de um navio mágico, imaginadas, ou realmente sentidas, por aqueles que estão em transe, celebrando. O navio permanece ancorado no horizonte e, no ritmo da música e dança do baião, seus ocupantes desembarcam e participam da festa em companhia dos vivos, voltando ao seu “reino encantado” no final da celebração.

O que está por trás da ideia de Benjamin é que, ao eliminar a morte dos olhos dos vivos, retirou-se dela a dignidade, a sabedoria, a “existência vivida”. Não falar dela, não vivenciar apropriadamente a perda seria não valorizar a vida que passou e segue forte e veloz para os que ficaram.

É assim está justamente na contramão desse “tabu da morte”. Límpido e direto, o livro propõe que se fale, sem respostas prontas, sobre esse fenômeno misterioso e complexo, com o qual cada cultura ou religião lida a seu modo, como demonstram as festas de **mortos e encantados** no México e no Brasil. Valdivia não oferece pistas sobre o que vai acontecer, já que ninguém sabe.

“Como encarar a morte?”, perguntou Carlos Drummond de Andrade no poema que leva esse título. Segundo ele, podemos encará-la de várias maneiras, a exemplo do modo como avistamos um barco: “de longe”.../ “O barco lá fica banhado/ de brisa aveludada”...; “a meia distância”.../ “Quem ousa dizer o que viu, / se não viu a não ser em sonho?”; “de lado”.../ “como saber que nos procura / o viajante sem identidade?”...; “de dentro”.../ “Apresenta-se, corpo inteiro, / se merece nome de corpo / o gás de um estado indefinível”...; e, por fim, “sem vista”.../ “Nem viajar nem estar quedo/ em lugar algum do mundo, só/ o não saber que afinal se sabe/ e, mais sabido, mais se ignora”. [“Como encarar a morte (de longe; a meia distância; de lado; de dentro; sem vista)”, em *Revista Colóquio/Letras*. Poesia, nº 78, p. 74-75 mar. 1984].

TEMAS DIFÍCEIS

Falar da morte com as crianças costuma ser um grande desafio e pode em determinados casos até soar como assunto proibitivo. Muitas pessoas se perguntam: como abordar um assunto tão delicado com pessoas que viveram tão pouco e, por isso mesmo, não teriam bagagem emocional para entender algo tão complexo? Mas será que é assim mesmo?

No texto “As crianças e seus narradores”, de 2005 (disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=80>>, a psicanalista Maria Rita Kehl ressalta não só a importância de apresentar às crianças os fatos como eles são, mas também a função essencial das histórias ficcionais: nomear os medos e as angústias infantis. Assim funcionam, por exemplo, os contos de fadas, que, conforme sugere o psicanalista Bruno Bettelheim (1903-1990), pretendem “simbolizar e ‘resolver’ os conflitos

PROCESSO DE LUTO

Em um de seus textos mais famosos, “Luto e melancolia” (1917), Sigmund Freud (1856-1939) distingue o trabalho necessário e psiquicamente saudável empreendido pelo luto da melancolia, um estado patológico do ponto de vista da psiquiatria e da psicanálise. Ambos são modos de reagir à perda do objeto amado, manifestados no desinteresse pelo que se passa ao redor e pelas atividades cotidianas. No entanto, para o melancólico, isso se potencializa, com queda da autoestima, autorrecriminação e comprometimento na capacidade de amar. É como se o indivíduo se tornasse a própria perda, identificando-se com ela e ficando paralisado. Já no caso do luto, a pessoa, diante do irremediável da morte, é capaz de, após algum tempo, transformar a dor da perda em lembrança e investir energia em outros objetos. Se a realidade da morte é concreta, nada há que fazer, não se pode lutar contra ela. O mundo fica pobre e vazio de sentido, doloroso, quase impossível de carregar. Mas, pouco a pouco, o fardo se converte em memória daquele que se foi. “Choramos pelos que partem”, diz a narrativa de *É assim*. Para além da dor, aos poucos a lembrança se torna mais do que vívida, especial.

psíquicos inconscientes”. Como em alguns desses contos, *É assim* deixa espaço para que a criança imagine, preencha a história com as próprias referências, a própria imaginação e desse modo componha, em um universo rico e subjetivo, “o repertório imaginário de que ela necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo”, comenta Maria Rita.

Da mesma forma que o mistério fascina as crianças, também o medo tem papel fundamental no desenvolvimento de sua autonomia. Ainda de acordo com Maria Rita:

O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. As crianças procuram o medo. As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo. Curiosos e excitados, os pequenos exigem que os adultos repitam várias vezes as passagens mais amedrontadoras dos contos de fadas.

Resta, então, transformar o medo de falar da morte em um assunto que possa ser explorado naturalmente pela criança, tal qual propõe *É assim*. Esse é o grande achado do livro: não mascarar a morte, nem recobri-la com explicações de cunho filosófico ou religioso, tampouco encará-la como um fim em si mesmo. Pelo contrário, ela é mantida o tempo todo como questão, a grande questão humana, que, desse modo, se torna um fato natural. Falar da morte é também falar da vida, a exemplo do **processo de luto**, tão bem expresso em uma das mais pungentes passagens de *É assim*: “nós, que aqui estamos, choramos pelos que partem”, mas “é bonito lembrar”.

Além da curiosidade própria da infância, os leitores a que esse livro se destina estão em uma faixa etária em que começam a entender o mundo ao redor de maneira mais profunda e independente. Sem receio de que possam ter medo ou, no limite, não compreender totalmente a questão da perda, *É assim* aposta na sensibilidade e no modo sincero com que as crianças a partir de 6 anos encaram as questões da existência.



ACEITAÇÃO DA PERDA

De acordo com a psicanalista Melanie Klein (1882-1960), desde recém-nascidos lidamos com a perda, a angústia e o luto. Para se defender da ansiedade provocada pelo jogo inato das pulsões de vida e de morte, o ego arcaico do bebê cinde seu primeiro objeto de relação com o mundo exterior, o seio materno, em dois: seio “bom” (que alimenta e está disponível) e seio “mau” (que se ausenta). Com isso, o objeto passa a ser amado e odiado simultaneamente. Da noção de que algo pode ser desejado e destruído com a mesma intensidade vêm a angústia e os sentimentos de culpa. O processo de reparação dessa perda é, para Klein, o luto, que culmina com a aceitação, por parte do bebê, de que ele e a mãe são seres separados.

Para saber mais

Klein, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

EM BUSCA DE EQUILÍBRIO

Em *Corda bamba* (Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005), a escritora Lygia Bojunga também trata corajosamente da morte e do amadurecimento. Na narrativa, a menina Maria está se recuperando do choque de ter perdido os pais equilibristas num acidente de circo. Levada para a casa da avó materna, com quem tem dificuldades de conviver, fica ensimesmada, parecendo não se interessar por nada. Pouco a pouco, em silêncio, começa a se equilibrar numa corda que liga sua janela à de outro apartamento e, numa mistura de fantasia, sonho e realidade, vai descobrindo aspectos da vida de seus pais, da avó e dela própria. Começa então a rememorar o acidente, **aceitando a perda**, amadurecendo e, por fim, vendo que há vida além do tenebroso acontecimento. Um dos trechos mais emocionantes da história diz:

Maria se vira, sacode a maçaneta, a porta não está mais trancada, ela sai. Correndo. Correndo. Pula pro andaime, pega o arco, vai embora. A garganta continua seca, o olho ardendo, que comprida que é a corda! Parece que nem vai dar pra chegar no fim. Mas chega. Não se lembra de tirar sapatilha, nada, entra na cama, puxa o lençol, se tapa toda, cabeça, tudo, não quer ver mais, só quer dormir, quem sabe quando acordar, lembrar não vai mais doer tanto assim?

Postura que também aparece na página 23 de *É assim* (“De onde se vem e para onde se vai é um mistério”) e na ilustração de página dupla que acompanha a frase, em que a menina, em cima de uma árvore, ao lado do gato da capa, olha o casal de passarinhos cuidando do ovo no ninho: a eminente sensação da perda e a nova vida se misturam na incerta linha do horizonte, na qual todos nós nos equilibramos.

Seria impossível não lembrar aqui a passagem de “Campo geral” (em *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997), novela de Guimarães Rosa, em que Dito, irmão de Miguilim, morre. Envolto no próprio mundo, cujos contornos enxerga e não enxerga, Miguilim se dá conta, de maneira desesperadoramente comovente, de que o irmão companheiro não mais passará os dias a seu lado: “desentendi de tudo, tonto, tonto, tonto”; “mas aí, no voo do instante, ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração, e adivinhou que era tarde, que nada mais adiantava”; “precisava de chorar, toda-a-vida, para não ficar sozinho”.

Mesmo a morte de Dito tendo chegado de modo violento e triste, são bonitas suas palavras para Miguilim:

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...

Essas palavras casam com as de *É assim*, demonstrando uma vez mais que, a seu modo, as crianças compreendem profundamente o que é a morte. Falar com elas sobre esse tema, com toda a sinceridade possível, por meio da ficção ou da música, ajuda-as a mapear os sentimentos, os quais, embora imprevisíveis, passam a ter, de alguma forma, um lugar para doer.

Mesmo pequenas, podem levar consigo as surpresas que traz o ciclo da vida, tão bem apresentadas por Caetano Veloso em “Boas-vindas”, canção feita para celebrar o nascimento de um de seus filhos:



[...]
 Venha conhecer a vida
 Eu digo que ela é gostosa
 Tem o sol e tem a lua
 Tem o medo e tem a rosa
 [...]
 Tem a noite e tem o dia
 A poesia e tem a prosa
 [...]
 Tem a morte e tem o amor
 E tem o mote e tem a glosa
 Eu digo que ela é gostosa
 [...]

Como visto, as crianças não só são fascinadas pelo desconhecido, por aquilo que amedronta, mas também já têm bagagem simbólica e emocional para lidar com a perda, e isso desde a mais remota infância, conforme atesta a psicanalista Melanie Klein ao falar da angústia da separação. Basta dar a elas ferramentas para explorar em si mesmas tais sentimentos, para lidar com eles da maneira menos traumatizante possível. Foi o que vivenciaram Maria de *Corda bamba* e Miguilim, de “Campo geral”, descobrindo dentro deles forças para prosseguir. São essas ferramentas, ao mesmo tempo singelas e fortes, que estão presentes em *É assim*.

Durante a leitura, os pequenos leitores terão a chance de percebê-las, vendo como é possível celebrar a vida em sua dualidade: com o medo e com a rosa, com o sol e com a lua.

NA SALA DE AULA

A questão de como abordar a morte (e a origem da vida) pode suscitar discussões e atividades muito interessantes em sala de aula, envolvendo, além de Língua Portuguesa e Literatura, as disciplinas de Artes e Música.

1. Que cara tem a morte? Ela é assustadora, veste-se de preto e chega com uma foice? Ou é divertida como um esqueleto que brilha no escuro, ou como uma careta cortada em uma abóbora, ou ainda como o saci, que assusta, mas também brinca, assim como as tantas outras assombrações do folclore brasileiro ou estrangeiro que povoam nosso imaginário?

A proposta desta atividade é familiarizar os alunos com o tema do livro – a existência da morte – de forma divertida e intrigante. Divididos em grupos, eles farão uma investigação sobre as formas que a morte assume no folclore e na cultura popular. O professor pode delimitar a pesquisa, pedindo à turma que se detenha no universo brasileiro, ou expandi-la em lendas e tradições europeias, latinas, africanas etc. Com a ajuda do professor de Artes, cada grupo apresentará as informações que encontrou por meio de desenhos, colagens e painéis, que, depois, ficarão expostos na sala de aula.

2. Mesmo que o texto do livro não apresente dificuldades para a faixa etária, sendo adequado às crianças de 6 a 8 anos, é interessante fazer uma leitura acompanhada. É provável que, durante o processo, surjam ideias de dramatização a partir das cenas propostas na narrativa. Por exemplo, na cena da página 11, a menina abraçando uma mulher mais velha, diante de um cartão-postal, pode originar uma pequena peça de teatro que conte a história das duas e, tal qual a narrativa, aborde a morte de outro modo: o que aconteceu com essa mulher? Quem seria ela? Ela e a menina eram próximas? O que mais gostavam de fazer em companhia uma da outra? Qual o sentido do postal?

Como o livro também fala sobre o começo da vida (“De onde viemos?”), esse é outro tema para dramatização, imaginando, por exemplo, a história da menina desde o início: quando ela



nasceu? Como eram seus pais? O que fez até aquele momento? A dramatização ajudará os alunos a sentir a emoção presente na narrativa, tornando-a mais próxima e palpável.

3. Para fechar o ciclo de atividades, sugere-se que os alunos exponham suas ideias, dúvidas e temores sobre a morte. Para isso, é importante mostrar-lhes, de maneira leve, como, apesar de tratar de perda, morte e saudade, o livro prioriza a vida, o instante presente, a ser desfrutado com aqueles que amamos. Um modo interessante de abordar o assunto é, depois que todos tiverem terminado a leitura, voltar ao título, explorando-o sob a forma de questão para os alunos. O que é assim? Como cada um lida com a morte? O que é a morte? Após uma rodada de conversas e depoimentos, cada um pode expor seus sentimentos da maneira que achar mais inspiradora: desenhando, pintando, tocando ou cantando uma canção, escrevendo... O objetivo é que todos se sintam livres para expressar seus sentimentos a partir da leitura e lidem com o assunto de modo natural, fazendo com que ele deixe de ser tabu.



SUGESTÕES DE LIVROS E FILMES

PARA OS ALUNOS

- CALI, Davide; BLOCH, Serge. *Fico à espera*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. Em formato de carta, o livro traz pequenos e importantes momentos da infância, maturidade e velhice de um homem, mostrando, com frases sucintas e imagens singelas, o próprio ciclo da vida.
- CHAMLIAN, Regina; ALEXANDRINO, Helena. *Vovô virou árvore*. São Paulo: Edições SM, 2009. Vovô tartaruga adora contar histórias e Albertina é a neta que mais gosta de ouvi-las. Certa manhã, vovô se acidenta e morre. Albertina passa por diversos questionamentos e, na procura das respostas, conhece um pouco sobre a natureza e a vida.
- ELRBRUCH, Wolf. *O pato, a morte e a tulipa*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. O livro aborda a clássica pergunta “Para onde vamos?” por meio da inusitada amizade entre a morte e um pato, que a ensina a aproveitar as banalidades da vida.

- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos; RUANO, Alfonso. *Tempo de voo*. São Paulo: Edições SM, 2009. O que é o tempo, afinal? As marcas físicas do envelhecimento do narrador são o mote para o diálogo entre um adulto e uma criança sobre a passagem do tempo e a percepção que as pessoas têm da memória e das etapas da vida.
- YUMOTO, Kazumi. *Os amigos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Três amigos resolvem acompanhar o cotidiano de um velho solitário para presenciar o instante em que ele vai morrer. No entanto, a simples observação científica vai dando lugar aos mais diversos sentimentos, e os meninos acabam amadurecendo e vivenciando a dor da perda.

PARA O PROFESSOR

- *Hanami – Cerejeiras em flor (Kirschblüten – Hanami)*. Direção: Doris Dörrie. Alemanha/França, 2008. 127 min. Um casal de idosos decide lidar com o final da vida que se aproxima e com os muitos sonhos que tiveram e não foram levados adiante. Um filme comovente sobre velhice, solidão e morte.
- *O labirinto do fauno (El laberinto del fauno)*. Direção: Guillermo del Toro. México, 2006. 112 min. Na Espanha, em 1944, um grupo de rebeldes da Guerra Civil ainda luta nas montanhas ao norte de Navarra. Ofelia, de 10 anos, muda para a região com a mãe. Solitária, cria, em seus passeios pelo jardim da imensa mansão onde mora, um mundo de fantasia em que a morte ocupa lugar central.

